

Pequenos incêndios por toda parte

Pequenos incêndios por toda parte

CELESTE NG

TRADUÇÃO DE
JULIA SOBRAL CAMPOS



Copyright © Celeste Ng, 2017

TÍTULO ORIGINAL

Little Fires Everywhere

REVISÃO

André Marinho

Raphani Margiotta

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA

Jaya Miceli

IMAGEM DE CAPA

Cortesia de Amy Bennett e Galleri Magnus Karlsson, Estocolmo

ADAPTAÇÃO

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N29p

Ng, Celeste, 1980-

Pequenos incêndios por toda parte / Celeste Ng ; tradução Julia Sobral Campos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.

416 p. ; 21 cm.

Tradução de: Little fires everywhere

ISBN 978-85-510-0312-1

1. Ficção americana. I. Campos, Julia Sobral. II. Título.

18-47853

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para aqueles que estão por aí, seguindo os próprios
caminhos, causando pequenos incêndios

Ao adquirir um terreno no Setor Escolar, amplos acres nas propriedades Shaker Country ou uma das casas oferecidas pela empresa em uma variedade de bairros, você também desfrutará de espaços para jogar golfe e tênis, andar de bicicleta e de barco, encontrará escolas excepcionais, além de proteção eterna contra desvalorização e mudanças indesejadas.

— Anúncio da Van Sweringen Company, os criadores e desenvolvedores de Shaker Village

Porém, de certa forma, as pessoas de Shaker Heights são basicamente iguais às do restante dos Estados Unidos. Podem ter três ou quatro carros em vez de um ou dois e talvez tenham duas televisões em vez de uma, e quando uma moça de Shaker Heights se casa a festa provavelmente vai ser para oitocentas pessoas, com a banda Meyer Davis de Nova York como atração, em vez de uma festa para cem pessoas com uma banda local, mas todas essas são mais diferenças quantitativas do que diferenças fundamentais. “Somos pessoas amigáveis e nos divertimos muito!”, disse há pouco tempo uma mulher no clube privado de Shaker Heights, e tinha razão, pois os moradores de Utopia parecem levar uma vida bem feliz.

— “A Vida Boa em Shaker Heights,”
Cosmopolitan, março de 1963

Um

Todo mundo em Shaker Heights só falava de um assunto naquele verão: como Isabelle, a última filha da família Richardson, havia perdido a cabeça e atado fogo à casa. O boato durante toda a primavera girara em torno da pequena Mirabelle McCullough — ou, dependendo do lado em que a pessoa estava, May Ling Chow —, e agora, enfim, surgia algo novo e sensacional para se debater. Pouco depois do meio-dia daquela manhã de sábado, em maio, os clientes que empurravam seus carrinhos na Heinen's escutaram os motores uivantes dos carros de bombeiros que seguiam depressa em direção ao lago dos patos. Ao meio-dia e quinze, quatro carros de bombeiros já formavam uma fila vermelha e desordenada ao longo da Parkland Drive, onde os seis quartos da casa dos Richardson estavam em chamas, e todos no raio de um quilômetro viam a fumaça que se erguia acima das árvores feito uma nuvem de tempestade negra e densa. Mais tarde as pessoas diriam que tinham notado os sinais: Izzy era um pouco lunática, sempre houvera algo *estranho* na família Richardson, e assim que ouviram as

sirenes naquela manhã *souberam* que alguma coisa terrível tinha acontecido. Àquela altura, é claro, Izzy já teria ido embora havia muito tempo, sem deixar ninguém para defendê-la, e as pessoas poderiam dizer o que quisessem... e o fariam. Mas, no instante em que os carros de bombeiros chegaram, e durante um bom tempo depois disso, ninguém sabia o que estava acontecendo. Vizinhos se amontoavam o mais perto possível da barreira improvisada — uma viatura de polícia estacionada transversalmente a algumas centenas de metros de distância — e observavam os bombeiros desenrolarem as mangueiras com as expressões sombrias de homens que reconheciam uma causa perdida. Do outro lado da rua, os gansos mergulhavam as cabeças no lago em busca de algas, nem um pouco comovidos.

A Sra. Richardson estava de pé no gramado, fechando o robe azul-claro. Embora já passasse do meio-dia, ela ainda estava dormindo quando os alarmes de fumaça dispararam. Tinha ido se deitar tarde, e dormira demais de propósito, dizendo a si mesma que merecia isso depois de um dia difícil. Na noite anterior, observara de uma das janelas do segundo andar a hora em que um carro finalmente estacionou diante da casa. A entrada para carros era comprida e circular, um arco profundo em forma de ferradura que ia da rua até a porta da frente e voltava, de um jeito que a rua ficava a cerca de cem metros de distância, longe demais para que ela a enxergasse direito. Além disso, em maio o dia já estava quase escuro às oito da noite. Mas ela reconheceu o pequeno Volkswagen marrom-claro da inquilina, Mia, com os faróis acesos. A porta do carona se abriu e uma pessoa magra saiu, deixando a porta entreaberta: era a filha adolescente de Mia, Pearl. A luz do teto iluminava o interior do carro, que estava cheio de malas. A Sra. Richardson

mal conseguiu distinguir o vago contorno da cabeça de Mia com um coque bagunçado no topo. Pearl se debruçou sobre a caixa de correio, e a Sra. Richardson imaginou o ruído discreto da caixa se abrindo e se fechando em seguida. Então Pearl voltou para o carro e fechou a porta. As luzes de freio vermelhas se acenderam, depois se apagaram, e o carro saiu em direção à noite crescente. Sentindo certo alívio, a Sra. Richardson foi até a caixa de correio e encontrou um molho de chaves preso por uma argola simples, sem qualquer bilhete. Havia planejado dar uma olhada de manhã na casa que alugava na rua Winslow, mesmo sabendo que elas não estariam mais lá.

Por isso tinha se permitido dormir até tarde. Agora era meio-dia e meia, e ela estava de pé no gramado, de robe e um par de tênis que pertencia ao seu filho Trip, observando a casa deles queimar. Ao acordar com o som agudo dos detectores de fumaça, ela correu por todos os quartos procurando por ele, por Lexie, por Moody. Depois se deu conta de que não havia procurado por Izzy, como se já soubesse que a culpa era dela. Todos os quartos estavam vazios, a não ser pelo cheiro de gasolina e por uma pequena fogueira ardendo bem no meio de cada cama, como se uma escoteira desvairada tivesse acampado lá. Quando terminou de olhar a sala de estar, a sala de visitas, a sala de jogos e a cozinha, a fumaça já havia começado a se espalhar, e ela finalmente saiu correndo. Lá fora ouviu as sirenes disparadas pelo sistema de segurança. Na entrada para carros, não encontrou o jipe de Trip, o Explorer de Lexie, a bicicleta de Moody, nem, é claro, o sedã do marido. Ele costumava ir ao escritório no sábado de manhã para adiantar algumas coisas. Alguém teria que ligar para o trabalho dele. Então ela se lembrou de que Lexie, graças a Deus, havia

passado a noite na casa de Serena Wong. Onde será que Izzy estaria? E os meninos? E como ela os encontraria para contar o que havia acontecido?

Quando conseguiram apagar o fogo, apesar dos temores da Sra. Richardson, a casa não tinha virado pó. Todas as janelas haviam sido destruídas, mas a estrutura da casa de alvenaria resistira, úmida, enegrecida e fumegante, assim como a maior parte do telhado, cujas telhas escuras de ardósia brilhavam feito escamas de peixe devido ao banho recente que ganharam. Os Richardson não teriam permissão para entrar na casa enquanto os engenheiros do corpo de bombeiros não testassem cada uma das vigas que haviam sobrado, mas do gramado — o mais próximo que a fita amarela pedindo CUIDADO os deixava chegar — percebiam que havia pouca coisa lá dentro para resgatar.

— Meu Deus — exclamou Lexie.

Ela estava sentada no capô do carro estacionado do outro lado da rua, na grama que beirava o lago dos patos. Ela e Serena ainda dormiam, encolhidas de costas uma para a outra na cama queen size de Serena, quando a Dra. Wong sacudiu seu ombro, pouco depois de uma da tarde, sussurrando:

— Lexie. Lexie, querida. Acorde. Sua mãe ligou.

As meninas tinham ficado acordadas até as duas da manhã, conversando — como fizeram durante toda a primavera — sobre a pequena Mirabelle McCullough, debatendo se a decisão do juiz fora acertada ou não, se os novos pais deveriam ter ficado com a guarda ou se a menina deveria ter voltado para a mãe.

“O nome verdadeiro dela nem é Mirabelle McCullough, pelo amor de Deus”, dissera Serena, por fim.

As duas ficaram em um silêncio emburrado e incômodo até dormirem.

Agora Lexie observava a fumaça se erguer acima da janela do seu quarto, o quarto da frente com vista para o gramado, e pensava em tudo o que havia lá dentro e fora destruído. Todas as camisetas na cômoda, todas as calças jeans no armário. Todos os bilhetes que Serena lhe escrevera desde o sexto ano, ainda amassados, que ela guardava dentro de uma caixa de sapatos debaixo da cama. A cama, os lençóis e o edredom carbonizados. O corsage de flores que Brian, seu namorado, lhe dera na volta às aulas pendurado para secar na penteadeira, as pétalas escurecidas, a cor que antes fora rubi transformada em vermelho-escuro feito sangue seco. Agora aquilo não passava de cinzas. Usando as roupas que havia levado para a casa de Serena, Lexie percebeu, de repente, que sua situação era melhor que a do restante da família: no banco de trás do carro havia uma malinha com calça jeans, escova de dentes, pijama. Olhou para seus irmãos, sua mãe ainda de robe no gramado de casa, e pensou: *Eles literalmente só têm a roupa do corpo*. “Literalmente” era uma das palavras preferidas de Lexie, e ela a usava mesmo quando a situação era tudo menos literal. Naquele caso, para variar, a palavra era mais ou menos apropriada.

Ao lado dela, Trip passou distraidamente a mão no cabelo. O sol estava a pino acima deles e o suor fazia seus cachos se destacarem de maneira bastante atraente. Estava jogando basquete no centro comunitário quando ouviu a sirene dos carros de bombeiros, mas não deu atenção (estava particularmente nervoso naquela manhã, mas a verdade era que não teria notado, de qualquer forma). Então, à uma da tarde, quando todos ficaram com fome e decidiram encerrar o jogo, ele voltou para casa de carro. Como lhe era tão

peculiar, mesmo com as janelas abertas Trip não tinha percebido a imensa nuvem de fumaça vindo em sua direção, e só começou a desconfiar que havia algo errado quando encontrou sua rua fechada por uma viatura da polícia. Após dez minutos argumentando, ele enfim foi autorizado a estacionar o jipe diante de casa, onde Lexie e Moody já aguardavam. Os três estavam sentados em ordem em cima do carro, como em todos os retratos de família que ficavam pendurados na parede ao lado da escada, mas que tinham virado pó. Lexie, Trip, Moody: terceiro, segundo e primeiro ano do ensino médio, respectivamente. Ao lado deles, sentiam o vazio deixado por Izzy, a estudante do nono ano, a ovelha negra, a imprevisível — embora todos ainda tivessem certeza de que o vazio seria passageiro.

— O que deu nela? — resmungou Moody.

— Até *ela* sabe que foi longe demais dessa vez, por isso fugiu — disse Lexie. — Quando voltar, mamãe vai matar ela.

— Onde vamos ficar? — indagou Trip.

O silêncio se prolongou enquanto contemplavam a situação.

— Vamos para um quarto de hotel ou alguma coisa assim — falou Lexie, por fim. — Acho que foi o que a família de Josh Trammell fez.

Todos conheciam a história: alguns anos antes, Josh Trammell, aluno do segundo ano, tinha dormido com a vela acesa e causado um incêndio na casa dos pais. O boato na escola era de que, na verdade, não tinha sido uma vela, mas um baseado. Contudo, a casa ficara tão destruída que não havia como saber, e Josh se mantivera fiel à história da vela. Todo mundo ainda pensava nele como *o atleta otário que tinha tacado fogo na própria casa*, embora o episódio tivesse acontecido anos atrás e recentemente Josh ti-

vesse se formado com louvor na Universidade Estadual de Ohio. Agora, é claro, o incêndio de Josh Trammell já não seria o mais famoso de Shaker Heights.

— Um quarto de hotel? Para todos nós?

— Sei lá. Dois quartos. Ou podemos ficar no Embassy Suites. Não sei.

Lexie tamborilou os dedos no joelho. Queria um cigarro, mas depois do que acontecera — e bem na frente da mãe e de dez bombeiros — não ousaria acender um.

— Mamãe e papai vão dar um jeito. E tem o seguro.

Embora ela só tivesse uma ideia vaga de como os seguros funcionavam, aquilo parecia plausível. De qualquer maneira, era um problema para os adultos, não para eles.

Os últimos bombeiros tiravam as máscaras do rosto ao saírem da casa. A maior parte da fumaça sumira, mas o ambiente continuava abafado, feito o banheiro depois de um banho quente e demorado. O teto do carro começava a ficar quente, e Trip estendeu as pernas por cima do para-brisas, cutucando os limpadores com a ponta do chinelo. Então, começou a rir.

— Qual é a graça? — perguntou Lexie.

— Estou imaginando Izzy correndo por aí, acendendo fósforos pela casa. — Ele bufou. — Que doida.

Moody tamborilou um dedo no rack do teto do carro.

— Por que todo mundo tem tanta certeza de que foi ela?

— Espera aí. — Trip desceu do carro com um pulo. — É a Izzy. E estamos todos aqui. Mamãe está aqui. Papai está a caminho. Quem falta?

— E daí que ela não está aqui? Só por isso é a única que pode ser responsável?

— *Responsável?* — interveio Lexie. — Izzy?

— Papai estava no trabalho — disse Trip. — Lexie, na casa da Serena. Eu estava em Sussex jogando bola. Você?

Moody hesitou.

— Fui de bicicleta para a biblioteca.

— Pronto. Está vendo? — Para Trip, a resposta era óbvia. — As únicas pessoas presentes eram Izzy e mamãe. E mamãe estava dormindo.

— A fiação da casa pode ter entrado em curto-circuito. Ou alguém pode ter deixado o forno ligado.

— Os bombeiros disseram que havia pequenos incêndios por toda parte — afirmou Lexie. — Vários pontos de origem. Possível uso de combustível. Não foi um acidente.

— A gente sabe que ela sempre foi louca — comentou Trip, apoiando as costas na porta do carro.

— Vocês vivem implicando com ela — disse Moody. — Talvez seja por isso que ela age como *louca*.

Do outro lado da rua, os carros de bombeiros começaram a recolher as mangueiras. Os três filhos restantes da família Richardson observaram os bombeiros largarem os machados e tirarem os casacos amarelos enfumaçados.

— Alguém deveria fazer companhia para mamãe — sugeriu Lexie, mas ninguém se mexeu.

Após um minuto, Trip disse:

— Quando mamãe e papai encontrarem Iz, vão interná-la em um hospital psiquiátrico pelo resto da vida.

Ninguém pensou na partida recente de Mía e Pearl da casa na rua Winslow. Enquanto observava o chefe dos bombeiros fazer anotações meticolosas na prancheta, a Sra. Richardson esquecera

completamente as antigas inquilinas. Ainda não tinha contado para o marido nem para os filhos. Moody só descobrira a ausência delas naquela manhã, e ainda não sabia o que pensar sobre o assunto. Mais adiante na rua Parkland Drive, o pontinho azul do BMW do pai começava a se aproximar.

— Como você tem tanta certeza de que vão encontrá-la? — perguntou Moody.